



REPARAÇÃO DE DANOS

Rabelo quer perdão, Montenegro se esquiva

O presidente de Portugal insiste em manter o discurso em relação às ex-colônias, que sofreram pelo processo de colonização e escravização. Mas o primeiro-ministro, em nota, evita a admissão de responsabilidades

PATRICIA DE MELO MOREIRA / AFP



Políticos portugueses divergem sobre a questão de reparar os efeitos negativos causados nas ex-colônias durante o período do império

Após ser alvo de críticas internas e da extrema direita, o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, reiterou ontem que as autoridades portuguesas devem adotar uma série de medidas concretas para reparar os danos causados às ex-colônias em decorrência do longo processo de colonização instaurado pelo império português. Ele sugeriu perdoar dívidas, acordos de cooperação de créditos e programas de financiamentos.

Porém, em nota o governo de Portugal manteve um tom menos intenso e mais diplomático, evitando mencionar medidas concretas. No comunicado, segundo os jornais *O Público*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, o governo diz que a posição será sempre a de “aprofundamento das relações mútuas, respeito pela verdade histórica e cooperação”. Em seguida, acrescenta: “Não esteve e não está em causa nenhum processo ou programa de ações específicas com esse propósito”.

Em Portugal, o sistema de governo é o parlamentarista. Marcelo Rebelo é o presidente, sendo o chefe de Estado. Já Luís Montenegro é o primeiro-ministro, chefe de governo — responsável pela divulgação do comunicado, no qual não se trata diretamente das ações de reparação nem se menciona a admissão de responsabilidades.

Obrigação

Marcelo Rebelo insiste em manter a posição em defesa de responsabilidades. “Não podemos colocar isso debaixo do tapete ou dentro da gaveta, temos a obrigação de liderar esse processo”, afirmou o presidente durante parte das comemorações da Revolução dos Cravos — em 1974, que encerrou o regime

autoritário, libertando presos políticos e estabelecendo a democracia. “É uma ideia de reparação por aquilo que não fizemos, fizemos mal”, acrescentou. “Não devemos fazer disso um tabu.”

Durante entrevista coletiva concedida à imprensa portuguesa, Marcelo Rebelo não se furtou de reiterar a admissão de culpa por parte de Portugal. Segundo ele, essas ações podem ir desde o perdão de dívidas e acordos específicos de cooperação com as ex-colônias, à concessão de linhas de crédito e de financiamento. Não entrou em detalhes, apenas citou ideias de

forma geral.

Há três dias, durante encontro com correspondentes estrangeiros, no qual estava Vicente Nunes, do *Correio*, Marcelo Rebelo, pela primeira vez, admitiu responsabilidades dos portugueses no processo de colonização. Na ocasião, ele disse que Portugal “assume total responsabilidade” pelos erros do passado e que esses crimes, incluindo massacres coloniais, tiveram “custos”.

As declarações de Marcelo Rebelo causaram uma série de reações em Portugal, uma vez que a extrema direita rejeitou o reconhecimento de

responsabilidades, desaprovando as afirmações do presidente. Muitos portugueses reagiram com medo de serem obrigados a pagar mais tributos como forma de reparar as ex-colônias.

“Sempre achei que pedir desculpas era uma forma fácil para um problema. Pede-se desculpas e pronto, esquece-se. Assume-se responsabilidade pelo o que houve, pelo bom e pelo mau”, afirmou o presidente.

Reações

O governo brasileiro, por sua vez, entrou em contato com o

português para a reparação dos danos. À frente da equipe que aguarda as ações concretas, a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, elogiou a posição de Marcelo Rebelo, mas disse que há uma necessidade urgente de medidas práticas.

“Pela primeira vez, a gente está aqui fazendo um debate dessa dimensão em nível internacional”, disse Anielle, em um vídeo distribuído à imprensa. “Inclusive, várias organizações do movimento negro cobraram a postura mais firme de Portugal justamente sobre esse tema”, destacou.

A ministra ressaltou que o

presidente de Portugal reconheceu a responsabilidade portuguesa pelos danos aos povos originários e à população negra uma semana depois do Fórum Permanente de Pessoas Afrodescendentes da Organização das Nações Unidas, na Suíça. Segundo ela, a cobrança dos negros e indígenas por essa reparação é contínua. “A nossa equipe já está em contato com o governo português para dialogar sobre como pensar essas ações e, a partir daqui, quais passos serão tomados”, afirmou Anielle, que aguarda para os próximos dias as ações efetivas para a reparação dos danos.

Império

O império colonial português foi o primeiro da Europa e durou cerca de seis séculos, expandindo-se por uma área tão extensa que equivaleria hoje a mais de 50 países. Atualmente o português — com diferenças — é falado em nove países, incluindo Portugal. Como ex-colônias, são consideradas pelo menos oito, com o Brasil.

Na Coroa portuguesa, na época da colonização, a escravidão fazia parte da economia desde as atividades agrícolas às domésticas. Paralelamente, os povos originários, os indígenas, também foram subjugados pelos ex-colonizadores, forçados a deixar as terras onde viviam tradicionalmente, servir como escravos e abrir mão de sua cultura e tradição.

Para os movimentos negro e indígena, o reconhecimento de responsabilidade faz parte de uma longa luta, que vai além da reparação não só de danos, mas da necessidade de combate ao racismo sistêmico e ações concretas para a construção da memória com base em fatos reais, justiça e não repetição.

EUA

Violência policial gera reações no mundo

Reprodução/nbcnews



Tyson, de 53 anos, foi brutalmente contido por agentes em Ohio

Morto por dois policiais durante uma abordagem, um homem negro chamado Frank Tyson, de 53 anos, de Ohio, nos Estados Unidos, é comparado a George Floyd, que também perdeu a vida de forma semelhante, em maio de 2020. Os principais veículos de imprensa do mundo e norte-americanos, como *New York Times*, *Washington Post*, *CBS*, *The Guardian* e *Daily Mail* destacam a truculência dos policiais sobretudo em relação aos afro-americanos.

A exemplo de Floyd, Tyson, já imobilizado, em um bar frequentado por veteranos, repetiu aos policiais que não conseguia respirar e que precisava de ajuda. Ainda assim, foi mantido, com as mãos para trás e pernas presas, de bruços, no chão. O apelo foi ignorado. Minutos depois, os policiais percebem que ele não reage mais, verificam os sinais vitais e chamam uma ambulância, que o leva para o hospital, onde é atestado a morte.

De acordo com o Departamento de Investigação Criminal de Ohio, os dois policiais que contiveram Tyson foram afastados administrativamente e o caso é investigado. Em relação

a Floyd, o oficial Derek Chauvin foi sentenciado a 22 anos e meio de prisão por assassinato de segundo grau, assassinato de terceiro grau e homicídio de segundo grau.

O vídeo

Nas redes sociais, o vídeo mostra que os policiais Beau Schoenegge e Camden Burch começaram a discutir com Tyson e partem para imobilizá-lo. As cenas são fortes e provocaram

reações. Exatamente como ocorreu com Floyd, o homem de Ohio repetiu: “Não consigo respirar”. A frase é a mesma que se transformou em slogan nos protestos contra a truculência policial nos Estados Unidos.

O advogado da família de Tyson, Bobby DiCello, disse, por meio de um comunicado, que é fundamental mudar o tratamento dispensado pelos policiais nas abordagens. “A morte de George Floyd traumatizou e galvanizou o povo

americano—levou a um apelo decisivo à mudança e ao fim da violência policial sistêmica contra os homens negros”, afirmou ele, em texto publicado no jornal local *The Repository*.

No mesmo período, o advogado acrescentou, no mesmo período, que: “É uma tragédia inimaginável, que apenas quatro anos depois a história se repete. Por que atacá-lo? Frank e toda a família Tyson neste momento estão com um sentimento misto de dor, sofrimento e descrença”.

Motivação

A ação policial foi provocada por um pedido, feito por telefone, para que os agentes atendessem a um acidente de trânsito. Já no local, o vídeo mostra uma mulher abrindo a porta do bar e pedindo que os policiais retirem Tyson lá de dentro sob a alegação de que ele estava tumultuando.

No último dia 6, Tyson foi colocado em liberdade, depois de cumprir 24 anos de prisão por sequestro e roubo. Ele foi denunciado ao Departamento de Reabilitação e Correção de Ohio por não se apresentar ao oficial de condicional.

Estrela da internet no Iraque é assassinada



Om Fahad, uma das principais influenciadoras digitais do Iraque com mais de 500 mil seguidores, foi morta ao chegar em casa. Um homem vestido de preto, usando um capacete e em uma motocicleta atirou contra ela. A jovem cujo nome verdadeiro era Ghufuran Sawadi fazia sucesso no Tik Tok ao dançar, cantar e lançar moda. Em 2023, ela foi condenada a 6 meses de prisão por adotar um “discurso indecente que mina a modéstia e a moralidade pública”. Alguns de seus vídeos geraram mais de um milhão de visualizações. Há um ano, o Ministério do Interior iraquiano faz campanha contra aqueles que julga violar os preceitos morais e tradicionais. Além de Om, mais cinco influenciadores digitais foram sentenciados à prisão. As informações são da Al Jazeera, The Guardian e The Sun.